

"MEIRELES DEFENDE INTEGRAÇÃO DO ÍNDIO"

BELEM (O GLOBO) — O sertanista Francisco Meireles — que foi impedido, por seus médicos, de participar da expedição à área das tribos Amapali e Nereiana, no interior do Pará — defendeu ontem a necessidade de imediata integração dos indígenas à civilização.

— Devemos deixar de assumir posições protecionistas para com o índio, porque precisamos é prepará-lo para enfrentar a nossa sociedade — advertiu, assinalando que essa sua posição contraria a opinião de antropólogos e dos irmãos Villas-Boas, que defendem uma integração gradativa dos silvícolas.

Aos 65 anos e com mais de 35 de serviço público, Meireles sofreu recentemente um enfarte e está convalescendo de uma crise de malária. Por isso, os médicos o impediram de chefiar a nova expedição da Funai.

— Agora, vou levar mais a sério a minha saúde, para depois continuar na luta em favor do nosso índio. Enquanto descanso, talvez aproveite a oportunidade para escrever minhas memórias — afirmou o sertanista.

**Segregação**

Falando com tranquilidade, Meireles disse que discorda da administração da Funai, não aceita os métodos de trabalho dos irmãos Villas-Boas e confia dos antropólogos.

— Admiro os Villas-Boas, mas lamento sua atitude que, a meu ver, é uma posição romântica, lírica mesmo. Não podemos mais ter paternalismo para com o índio. Ele tem que ser preparado para enfrentar a nossa sociedade. Quanto aos antropólogos, muitos deles vivem longe da realidade, nos gabinetes, e aí se apoiam em posições como a dos Villas-Boas.

— O maior crime cometido contra o índio — assinalou o sertanista — foi a sua segregação no Parque do Xingu. Fatalmente a civilização chegará lá, porque a meta do Governo é a abertura de estradas visando a integração de todo o País. Quando a estrada chega perto das terras dos índios, devido a essa segregação, eles ainda estão despreparados para sobreviver. E então acontece o que estamos vendo na área do Xingu, onde o índio, em troca de qualquer coisa, entrega suas mulheres ao pessoal que constrói as estradas.

Meireles frisou que é preciso melhorar o padrão de vida dos indígenas, já que a sua integração é inevitável.

— Eles estão lá na selva, vivendo há séculos à sua própria maneira, sobrevivendo a todos os problemas. São felizes até a chegada do civilizado. Após o contato, o índio pega doenças com os brancos, começa a conhecer o valor de nossa roupa, do facão, da lanterna etc. É certo continuar dando ajuda material a eles? E poderemos fazê-lo indefinidamente? É claro que não. Então, vamos educá-los, ensiná-los a melhorar suas roças. Vamos prepará-los, enfim, para a vida, sem poesia, lirismos ou filosofia.

**Histórias**

Vivendo há 35 anos no trabalho de pacificação de índios brasileiros, Meireles é um repositório de histórias. Antevendo sua posição de gabinete, ele se prepara para aproveitar as horas de ócio e iniciar a feitura de suas memórias.

— Diversas pessoas vivem pedindo para que eu escreva um livro — entre elas, o escritor Mário Palmério, que já me convidou para passar uns

dias em sua fazenda, quando iniciáramos os trabalhos. Estou pensando muito nisso, agora. Mas, se fizer, vou mostrar outras facetas desse trabalho e, principalmente, tirar do anonimato companheiros meus como Raimundo Brito Ferreira, excelente sertanista que fez a pacificação dos Crai-póros, ou então Gilberto Pinto Figueiredo, que cuida hoje da atração dos Atroaris, muito arduos e perigosos. E ainda José Ataíde e Eurico Alves, homens de grande valor, tão bons quanto eu ou os Villas-Boas.

Esclarecendo a história do seu defeito físico — ele tem uma perna fora do lugar, que dificulta seus passos — garante que pode andar até dez quilômetros por dia, na selva. E explica a origem do defeito.

— Sempre gostei de montar, sou de uma família de militares, alguns oficiais de Cavalaria. Antes de pacificar os Xavantes, participei de um concurso hípico. Cai, quebrei a bacia e a perna esquerda. Mais tarde, na frente de trabalho dos Xavantes, cavalguei 1 080 quilômetros e, numa dessas esticadas, quando fui mediador de uma guerra entre os chefes xavantes Apoena e Süretzün, numa das marchas o cavalo refogou e caiu no barranco, me levando de roldão. A perna, já quebrada, saiu do lugar e daí fiquei assim até hoje.

Por ter pacificado a guerra particular dos xavantes, Meireles foi batizado de Imunã, o Chefe-Pai.

— O pai do cacique Apoena não queria a pacificação, protestando contra os brancos e utilizando a sabedoria indígena: "Por que estão com tanto agrado para nós? Não será para tirarem nossas terras?" — dizia ele. E, infelizmente, estava certo.

**"Amansando"**

O sertanista explicou, então, que os índios, quando estão no momento da atração, pensam que são eles que estão "amansando" os brancos.

— Eles chegam, com os pagés, que vêm entoando cânticos, jogando folhas e outras coisas, dizendo que isso é para nos tornar bons. Pensam que estão nos pacificando, porque os contatos anteriores foram sempre hostis: o homem chega atirando, empurrando o índio sempre mais para o interior e arrebatando-lhe as terras.

Disse Meireles que, nos contatos que faziam com os índios recém-pacificados, sempre levava de três a quatro auxiliares, procurando transmitir-lhes tudo o que sabia.

— Eu sempre tive essa preocupação, para evitar solução de continuidade no trabalho de pacificação. O que os Villas-Boas fizeram com os Krain-a-Kore eu nunca tinha visto. Deixaram o trabalho no primeiro estágio, saíram com todo mundo, e foi pra lá o meu filho Apoena, com seus auxiliares. Os índios devem ter estranhado — observou o sertanista.